ANO 12.º — Segunda-feira, 15 de Setembro de 1919 — Numero 590

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

As amarguras da vida

—(*)—

Outra vez o encarecimento dos géneros alimenticios

Valerá a pena apelar para a autoridade?

Tivémos escrita para saír a semana passada uma *carta aberta* ao snr. Governador Civil de Aveiro sobre o assunto--*Subsistencias*. Essa carta chegou mesmo a ocupar um divisorio da tipografia e por um pouco que o encarregado de a compôr não enceta a tarefa, dando-lhe execução. Mas—pensámos nós—do que vale ocupar espaço com estas coisas se o chefe do distrito, que devia estar na sua repartição, não tem tempo para isso e portanto tudo resulta inutil, sem probabilidades de exito? Do que vale apelar para s. ex.ª, para a sua autoridade, para o seu criterio, para os seus deveres, mesmo, solicitando-lhe, em nome de todos nós, exauridos pela ganancia e exploração de que ha tanto vimos sendo vitimas, que nos acuda, que nos defenda, que nos ponha a coberto dos roubos constantes dos açambarcadores dos géneros e dos negociantes sem escrupulo? Do que vale pedir ao snr. dr Elisio de Castro que actue, mas actue energicamente, para pôr a população da cidade, assim como a dos concelhos nas mesmas condições, a coberto da fome que fatalmente sobrevirá da situação que criminosamente se lhe está creando e criminosamente a autoridade toléra sem um gesto por mais pequeno que seja, em beneficio das garantias e dos direitos que nos assistem?

E fômos ao original e arrancámo-lo, amachucámo-lo e rasgámo-lo, lançando-o fóra, dispostos a não mais voltarmos ao assunto.

Mas, sr. Governador Civil, pensando bem no que está sucedendo, calarmo-nos, deixar tripudiar os ladrões sobre a miseria humana, sem protesto, sem que a nossa voz se levante, se faça ouvir a favor daqueles que precisam ser protegidos, porque teem direito á vida—não, não e não!

Por isso aqui nos tem, sr. dr. Elisio de Castro, para levar ao conhecimento de V. Ex.ª que o que se está passando na parte respeitante ao açambarcamento completo, absoluto, total, dos géneros que, sendo abundantissimos produtos desta região, são os principaes elementos da sua propria alimentação, é intoleravel.

O alarme publico é profundo e doloroso, e, faltariamos a um dever de consciencia se lho não exposéssemos convictos—e ai de nós se não fosse assim—de que V. Ex.ª irá ordenar imediatas providencias no sentido de evitar que saia a ultima medida de feijão e a ultima raza de batata!

Todos os dias, Ex.mo Sr., mais duma vez, atracam ao caes da ria, barcos saleiros, barcos de todas as dimensões, que carregam sacos de feijão e os levam, juntamente com outros, que são conduzidos para bordo dum navio que recebe tambem esse legume, para os lados de S. Jacinto.

E' o esvasiamento absoluto da nossa produção cerealifera que sempre tem sido para o povo, apezar do elevadissimo preço atingido, o seu mais valioso e preferido alimento.

Alêm dos açambarcadores locaes, outros de fóra aí estão arrebanhando por todo o preço e com a mais revoltante audacia, **toda a quantidade de feijão e batata** que pódem obter onde quer que a encontrem.

Decidida, legal e humanamente, Ex.mo Sr., isto brada aos céus e tem de ter, sem duvida, um ponto final, pois **não póde ser consentida a exportação total do que é absolutamente indispensavel á alimentação publica,** para a qual já a esta hora não haverá, por certo, o bastante.

Em jornaes de diferentes terras vemos nós que teem sido apreendidos géneros que, sendo indispensaveis ás populações locaes, estas não toleram a sua saída. Nada mais justo e racional.

Porque se não adotam aqui, Ex.mo Sr., o mesmo criterio e as mesmas medidas, evitando-se á população o legitimo desforço que taes roubos lhe possam provocar?

Como nós, snr. dr. Elisio de Castro, todos os explorados, todos os roubados, saudaram com delirio a hora em que terminou essa guerra maldita que trouxe apavorada a terra inteira. Saudámo-la porque, com o fim do martirio imposto ao mundo por dois bandidos coroados, nós anteviamos a luz benéfica do barateamento da vida, da abundancia dos géneros, da fartura no lar!

Um puro engano, justificado apenas pela sofreguidão insaciavel de outros bandidos, que á sombra do rotulo da transação comercial, do trafego do balcão, nos assaltam com o mais escarninho descaramento!

E a isto teremos de acrescentar o que se está passando com a venda do pão, a verba actualmente e sempre mais avultada em qualquer lar.

O pão, vende-se hoje com o mesmo peso e o mesmo tamanho, embora o custo do trigo, que foi de 6 escudos, varie agora entre 3$50 e 4$00 cada 20 litros ou sejam 15,5 quilos.

Todavia, Ex.mo Sr., impune e livremente, sem a mais insignificante fiscalisação, se mantem esta torpêsa, tão flagrante, tão profundamente revoltante que os proprios moços, vendedores do género, emudecem uns, aplaudem outros, os queixumes, os protestos dos explorados.

Mas o barateamento do trigo estendeu-se á farinha manipulada e aquela que custava a 58 cent. custa hoje 36, pelo que nem colhe o argumento da necessidade de uma mistura, aparente motivo da manutenção do preço actual.

Ha tres mezes, quando se inaugurou, como protesto, a padaria da Cooperativa Aveirense, o pão baixou de preço 12 centávos! Vê se, porêm, agora que devido á falta de fiscalisação esse barateamento não passou de pura ficção e que tudo foi obra de uma manigancia urdida com arte e em que mais uma vez se denunciou a consciencia e a alma dos... padeiros!

Já aqui, sr. Governador Civil, exaltámos um dia a benemerencia da fabrica de panificação, Cristo & C.ª, numa das crises mais gráves porque todos nós passámos, quando essa casa vendia ao publico por um preço diminuto um belo tipo de pão, que tanta necessidade modificou e a tanto lar levou um relativo conforto. Esta referencia prova, Ex.mo Sr., que apenas falâmos a linguagem da verdade e que neste momento outra coisa nos não inspira a não ser o sentimento de justiça que assiste a este jornal, expondo a V. Ex.ª, em nome dos interesses sagrados do povo, o quanto urge fazer em seu beneficio para lhe atenuar o sofrimento, para lhe enxugar as lagrimas, para lhe abater as dôres provenientes das dificuldades que o cercam e cada vez lhe embaraçam mais os tristes dias da vida.

Sor. dr. Elisio de Castro: V. Ex.ª, governador civil, filho deste distrito, republicano de sempre, espirito culto e de elevada sentimentalidade, tem de ouvir o nosso brado porque ele traduz o dos outros republicanos que desejam vêr a Republica dignificada por actos que a nobilitem e a tornem amada. V. Ex.ª tem de atender o *Democrata*, porque ele só quer que o povo seja defendido dos que o exploram e á custa do suor de cada um enchem as *burras* sem se importar da miseria, que alastra, do infortunio a que obrigam.

Entendidos?

Jaime Afreixo

Foi exonerado de chefe do departamento maritimo do sul e nomeado comandante da Escola de Marinheiros do Norte, o capitão de mar e guerra, sr. Jaime Afreixo, que durante alguns anos superintendeu na capitania do porto de Aveiro, destacando-se pelos seus trabalhos hidrograficos de subido valor.

O *Democrata*, que dedica ao integro funcionario e ilustre oficial da Armada a maior simpatia, felicita-o, e regosija se por o vêr tambem mais ao pé da porta.

MATRICULAS

Desde o dia 10 a 25 do corrente é o praso durante o qual se acham abertas as matriculas nos liceus, pelo que nos cumpre avisar os interessados.

Films...

Um maná

Segundo os calculos mais aproximados, os celeiros municipaes que se organisaram durante a guerra, deram *só* de prejuizo ao Estado a *bagatela* de 4:000 contos.

Um maná para os que se encheram á custa de toda a qualidade de escandalos postos em prática por essas terras alêm.

Autopsia

O *Tempo*, nosso confrade de Coimbra, ocupa-se de *A crise da Democracia*, livro que o professor do liceu de Aveiro, Luiz Gonzaga Teixeira Neves, escreveu e fez imprimir, autopsiando-o por fórma a dar-nos a impressão de que o autor aproveitaria melhor as horas livres, deitando-se a dormir.

O' colega: mas não haverá na apreciação um bocadinho de má vontade contra o inclito integralista que até vê na representação de *O Martir do Calvario* um atentado ás suas crenças religiosas?...

Cada vez peor

Nos extractos parlamentares de alguns jornaes lêmos outro dia que o deputado Eduardo de Sousa havia enviado para a mesa uma proposta, convidando o govêrno a tomar as indispensaveis providencias para que do ministerio não desapareça qualquer documento que haja conveniencia em fazer retirar. E pusemo-nos a cogitar: então as coisas já chegaram a este ponto?!...

Ainda mais?

O chefe dos unionistas afirmou numa das transactas sessões da Câmara, que se esta não sancionasse com os seus votos o principio da dissolução, sem sofisma, outros o fariam a tiro, como se fossem poucos os já disparados por egual motivo.

A sorte que nos esperava...

De respeito...

Soubémos pelo orgão centrista, *Jornal da Tarde*, que aderia expontaneamente áquele partido um dos primeiros azulegistas portuguêses, sr. Pereira Cão.

Os democraticos que se acautelem que agora é que vão ser elas...

FUSÃO DE PARTIDOS

Parece que desta vez se realisará a velha tentativa da fusão dos partidos unionista e evolucionista, pois para esse fim se trabalha denodadamente.

O evolucionismo entregou já a uma comissão o encargo de resolver sobre a situação do partido, cujas tentativas anteriores foram frustadas por causa da atitude do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Desta vez esse obstaculo desapareceu e por os unionistas tratam do assunto alguns dos seus elementos mais importantes, exceptuando o sr. Brito Camacho, que proposita amente se alheiou dessa tarefa.

No caso de realisar se a fusão, desaparece o chefe, pois o novo partido terá apenas um directorio, á roda do qual deve girar.

No nosso humilde modo de vêr todo o mal futuro—que, sem duvida, sobrevirá—deve ter como causa principal o famoso directorio. Mas oxalá que nos enganemos e que tudo corra de molde a equilibrarem-se as forças politicas a vêr se se entra numa era de paz e trabalho fecundo.

Duas especies

—(*)—

Mayer Garção, o scintilante espirito que na *Manhã* faz, diariamente, a sementeira da bôa doutrina republicana e comenta, com verdade e justiça, todos os assuntos politicos da actualidade, diz-nos que parece que se pretende agora estabelecer na politica portuguêsa duas especies: a dos gigantes e as dos pigmeus.

E define-as desde logo assim:

Quem são os gigantes?

Os gigantes são aqueles que, a golpes de audacia, não só conseguem fazer um degrau das multidões que só deveriam servir ideias, como se distinguem nos actos que praticam depois de elevados ás sumidades que ambicionavam, por toda a casta de erros, de violencias, de abusos, de prepotencias, que, precisamente por partirem de tais gigantes, são realmente gigantescas, e não só comprometem os partidos que os apoiam, como lançam em funestos riscos as nações a que pertencem. A alguns desses gigantes, a sua arrogancia, levando-os a supôr-se infaliveis, acaba por lhes anular a visão politica, diminuindo-lhes as qualidades que possuiam, e cujo brilhantismo só póde empanar o desmedido orgulho. A outros, cega-os o espirito messianico, presumindo-se ungidos por uma especie de graça divina, que os dota de todos os talentos e de todas as energias. Ambas estas grandêsas conduzem aos despotismos, e acabam por proporcionar aos gigantes os mais tragicos ou ridiculos fracassos.

Quem são os pigmeus?

Os pigmeus são os que nunca pensaram em dominar os outros, e na sua pequenez amam as belas causas, como se amam as estrelas, no espaço, cuja luz não se embacia, cuja beleza não se deforma como a ambição deforma o espirito dos homens. Os pigmeus são, numa Democracia, aqueles que entendem que todos são cidadãos e que o esforço desses não é maior do que o esforço dos outros, desde que os anima a mesma paixão nobre e elevada. Para esses pigmeus não vale mais o general do que o soldado, e ás vezes, e não poucas, até vale mais o soldado do que o general. Esses pigmeus pensam que a pena vale tanto como a espada, a picareta como o cinzel, a eloquencia como o trabalho. Esses pigmeus pensam, como Michelet, que o melhor monumento a elevar á Liberdade será aquele em que, num pedestal, se reuna e agite, presa de generoso entusiasmo, uma formidavel turba em que todos os engenhos pódem desabrochar e todos os sentimentos pódem florir. O grande defeito dos pigmeus é não acreditarem nos gigantes.

Depois, ainda com absoluta propriedade:

....

Ha muito tempo que era preciso dizer ao povo portuguès que tem sido vitima desses gigantes. Sempre que se elevam essas creaturas a fastigios em que a noção da igualdade que a Democracia assegura inteiramente se perde, obscurecida pelos louros da vaidade, que a récua vil dos sabujos que os rodeiam procura tornar cada vez mais espessos, sempre que tal sucede, origina-se um perigo para as sociedades em que esses gigantes procuram viver uma vida especial e omnipotente. E' esse o perigo da liberdade, é esse o perigo das repúblicas, porque as republicas não morrem nunca pelos golpes dos reaccionarios, mas sim pela deturpação de principios que sofrem quando esses gigantes se arvoram em ditadores de facto, rodeados das suas clientelas servis, e das suas camarilhas que formam as mais deprimentes e perigosas oligarquias.

Na Republica Portuguêsa é isso o que se tem observado. Os gigantes que teem sido fabricados pelas matulas que á custa deles querem prosperar não teem feito senão gerar no coração popular uma amarga decepção relativamente ao regimen republicano, que, pela propaganda de quarenta anos, amoldada aos mais generosos intuitos de igualdade, de liberdade, de fraternidade, ninguem podia supôr que fornecesse meio em que se desenvolvessem, como sobas, como Messias, como ditadores, como donos de tudo isto, os chamados gigantes que não atentam nos pigmeus.

Sim, senhor, é assim mesmo. E pois que já não ha volta a dar-lhe, temos que nos aguentar com as matulas que foram, afinal, quem nos prepararam esta linda situação em que nos encontrâmos desde o seu advento ás culminancias do Poder.

Neste particular, todos os que vêem, como Maier Garção, se acham de pleno acordo e não exitam um só momento de se afastar dos taes gigantes para não serem contagiados...

COM DEUS E COM O DIABO

—(*)—

Lê-se no *Camaleão*, orgão em Aveiro do *ilustre homem publico* Barbosa de Magalhães:

Foi colocado no quadro da magistratura judicial, sem exercicio, mas com vencimento, o sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, juiz da Relação de Lisboa, nosso presado patricio, a quem felicitâmos cordealmente.

Está claro que a monarquia nunca mais volta a estabelecer-se em Portugal; mas pelo sim e pelo não...

Limpêsa da cidade

Informa-nos a presidencia da comissão executiva da Câmara Municipal de que tão depressa tenha concluido o novo codigo de posturas que está organisando, como lhe mandará dar imediata e perfeita execução de harmonia com as reclamações formuladas na imprensa.

Muito nos apraz saber que o sr. dr. Lourenço Peixinho não descura o assunto.

Justiça popular

—(*)—

Dizem de Barcelona que quando o agente de policia Bravo Portillo descia dum eletrico, na tarde do dia 5, foi abordado por dois individuos que contra ele dispararam varios tiros á queima roupa, deixando o mortalmente ferido.

Portillo já havia sido absolvido pelos tribunaes, que não encontraram prova para o condenarem por espião ao serviço da Alemanha, e era considerado um inimigo tenaz da organisação operaria da Catalunha, contra a qual estava sempre promovendo o encarceramento de muitos dos seus militantes.

Por cá sucede tambem que, tendo sido, ha dias, julgado e absolvido, no Porto, o celebre malandrim do Montebelo, Jeronimo Ferreira Dias, um dos maiores adeptos do reinado da Traulitania, com logar de destaque nas associações de malfeitores, o povo o sentenciou á pena ultima, valendo-lhe o não estar já no fundo de uma cova o simples facto de se ter refugiado de novo na cadeia, cuja guarda fôra reforçada para o poupar ás iras da multidão.

E' que, o Jeronimo do Montebelo, alêm de ser conhecido da policia como gatuno, apontado por toda a gente como receptador de roubos e sabido até como moedeiro falso, ocupava o alto posto de chefe do *Grupo da Morte*, grupo por ele organisado e assim tetricamente designado, e que tinha por fim, composto de gente da sua moral, escolhida a dedo, assaltar as propriedades dos republicanos e contra eles e suas familias praticarem todas as monstruosidades.

Pois este facinora, que outro nome não póde ter, levado perante o Tribunal Especial Militar, que funciona na cidade onde o Jeronimo deu largas ás suas proêsas vilmente criminosas, foi absolvido!

Não lhe queremos estar na pele. Por todas as razões e mais aquela que dimana da benevolencia dos seus julgadores...

Um caso de demencia

—(*)—

Providencias a quem compete

Em o nosso ultimo artigo neste jornal dissémos que havia quem fizesse remontar a antiguidade do *canhão* do sr. Faustino á guerra dos *cem anos* e ás campanhas de Napoleão.

Continuamos hoje a expôr aos nossos ilustrados leitores outras diferentes versões que temos ouvido sobre o mesmo assunto.

Não falta quem diga que o *canhão* do sr. Faustino foi um dos melhores canhões usados pelos liberaes a quando do Cerco do Porto; que, por sinal, funcionava admiravelmente e que, ás suas superiores qualidades, se deve em grande parte o triunfo da causa liberal.

A ser isto verdade, o *canhão* do sr. Faustino é realmente um *canhão* historico. Começou a ser conhecido na aurora da liberdade; cobriu-se de gloria nas mais ardentes pelejas que teem feito palpitar o coração dos portuguêses de ha quasi um seculo a esta parte, e tisnado pela ardencia do sol, enegrecido pelo fumo das batalhas, brilha agora ao lado do tal sr. Faustino!

Mas ha tambem quem diga que o *canhão* do Faustino é de época muito mais recente.

Fabricado nas importantissimas oficinas do milionario Krupp, veio, não se sabe como nem quando, para Portugal, entrando pela primeira vez em fogo na Rotunda quando da implantação da Republica, em 1910.

Desde então tem estado sempre ao serviço de defêsa da Republica não se sabendo como veio parar ás mãos que hoje o possue...

Dizem uns que é um excelente *canhão*, de magnificas condições belicas, o que não quer dizer que outros afirmem que é um *canhão* já velho e gasto, quasi improprio para fazer fogo.

Seja, porêm, como fôr, o que é certo é que o tal Faustino anda sempre dele acompanhado, o que põe em sobresalto e constitue um perigo e uma afronta para o pacato povo da vila de Ilhavo

Mas o facto, dirão, do tal Faustino andar sempre acompanhado dum *canhão* já velho e gasto, não é uma provocação nem representa um perigo para o povo de Ilhavo, visto que isso nada mais traduz do que medo da sua parte.

Não é uma provocação, nem representa um perigo?! Pois não é uma provocação andar de *canhão* ao lado pelas ruas duma vila laboriosa e pacata, cujo seu maior desejo é viver no trabalho e no socêgo?

Não constitue um perigo?! Pois não é sempre um perigo, não foi sempre um grande perigo uma arma nas mãos de um doido?

Que o tal Faustino tenha medo, isso sim. A loucura não priva do medo; um doido conserva sempre o instinto de conservação. Ora nós estamos plenamente de acordo que o Faustino tem medo e muito medo e a prova disso vamos já da-la aos nossos leitores.

Ha já algumas ruas da vila de Ilhavo que o Faustino não transita nem por lá aparece com medo, já se sabe, de apanhar a condigna paga das suas maluqueiras.

Mas não é só isso; ele mesmo confessa que tem medo.

Dissémos, e com verdade, que o Faustino por toda a parte e em toda a parte anda sempre acompanhado pelo celebre e historico *canhão*. Até na cama não dispensa a sua companhia.

Ora um dia, por mero acaso, talvez, o Faustino foi surpreendido por ouvidos indiscretos, em maguado e sentido coloquio—direis talvez melhor *soliloquio*—com o inseparavel *canhão*:

— Olha, filha—diz ele—(a doidice fez-lhe perder a noção gramatical do genero dos nomes e por isso ele diz *filha* em vez de *filho*), eu bem sei que alguma manhã de nevoeiro (estava em algum momento lucido) apareço aí em qualquer esquina morto, esquartejado por esses canalhas, por essa malta dos meus perseguidores que me invejam a inteligencia, os meus dotes de orador e a minha qualidade de eximio escritor Sim, filha, algum dia apareço pelas esquinas feito em postas, esborrachado por esses cães que pretendem abocanhar a minha reputação de democratico. Eu tenho medo, lá isso tenho e por isso te trago sempre a meu lado para os amedrontar. Mas quero mostrar-lhes que sou valente. Que eu tenho medo, lá isso tenho. Tu bem o sabes, tu e a lavadeira; sim, a nossa lavadeira; mas essa não é mulher qu dê com a lingua nos dentes; essa guarda segredo... Eu tenho medo, mas tu que queres? Meti-me nesta camisa de onde já não posso sair. Hei-de ir para a frente, ou eu não fosse Faustino. Olha, olha... Eles aí estão, os malditos. Querem matar-me.

Tinha passado o momento lucido e aparecia o homem doido com a mania da perseguição.

Vêem como a lucidez dum momento lhe fez confessar o medo que tem? Portanto, nenhuma duvida nos resta de que o Faustino tem medo.

Mas que o facto de andar sempre acompanhado dum *canhão*, embora demasiadamente usado, não seja uma provocação nem constitua um grande e gráve perigo para a laboriosa vila de Ilhavo, não concordamos.

Uma arma, repetimos, é sempre um enorme perigo nas mãos de um doido e Faustino está doido.

A quem compete pedimos, pois, providencias, imediatas providencias, afim de se prevenirem gráves consequencias. Mais vale prevenir do que remediar é, segundo temos ouvido, um dos grandes principios da sabedoria das nações. E é para que lamentaveis acontecimentos não tenhamos de relatar que viemos para a imprensa.

E continuaremos até que justiça se faça.

Y.

O TEATRO

—(*)—

Pelo sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães é-nos solicitada a publicação da seguinte carta:

... Sr. Redactor:

Não me passava pela mente vir a publico falar nas obras que estão a realisar-se no Teatro, pois me reservava para emitir a minha opinião na primeira Assembleia Geral.

Vi, por acaso, que alguem vem tratando do assunto com vontade de corrigir um erro em que a Direcção persiste. Esse alguem não conheço, em virtude de se dizer *Um acionista*, mas constando que me são atribuidas as considerações já feitas no seu *Democrata*, peço licença para declarar o que sei e penso sobre as referidas obras no Teatro Aveirense.

Fui director daquela casa de espectaculos muitos anos. Durante a minha permanencia ali, servi com diversas direcções, desempenhando o cargo de tesoureiro. Preocupou sempre a minha atenção o pagamento das dividas existentes. Realisada essa minha aspiração de pleno acordo com os muitos colegas que tive, pensámos em levar a efeito um plano de obras que transformasse o teatro por completo. Debatido o assunto em diversas sessões presididas pelo sr. Antonio Augusto da Silva, foi chamado a Aveiro o arquiteto snr. Marques da Silva, do Porto, o qual foi encarregado de fazer um projecto que apresentou decorridos alguns mezes.

Esse projecto não se fazia acompanhar do orçamento que competia apresentar e por isso teve a Direcção de encarregar de o fazer os srs. Silva Rocha, Artur Mendes da Costa, Antonio Augusto da Silva e Henrique Rato, os quaes pela consideração que lhes merecia o melhoramento para a sua terra, o apresentaram em curto praso, oferecendo-o gratuitamente.

Para a realisação das obras, de acordo com o orçamento apresentado, eram precisos doze contos. Convocada uma Assembleia Geral, a Direcção que já então era presidida pelo snr. Silva Rocha, pedio autorisação para contrair um emprestimo e levar a efeito as obras, sendo lhe conferida. A Direcção fez a proposta á Caixa Economica desta cidade, que de principio deferiu a petição. Procedeu-se depois á arrematação das obras em hasta publica, sendo adjudicada ao mestre de obras sr. Antonio Augusto da Silva, por valôr inferior ao que estava orçado.

Decorreram alguns dias e por qualquer circunstancia que não vale a pena referir, a Direcção da Caixa Economica avisa que não faz o emprestimo.

Reune a Direcção e resolve que: *dentro dos recursos existentes então se fizesse uma pintura ligeira a todo o teatro com o fim de o tornar mais decente e que, de futuro, todas as obras que se podessem ir fazendo,* **seriam sempre dentro do projecto aprovado.**

Feito o resumo do que se passou nas direcções em que servi, resta-me exteriorisar a minha apreciação ao que se está fazendo.

Pertencendo á Direcção actual dois membros da cessante, que colaboraram nas resoluções tomadas e aceitaram o compromisso de *quando se fizesse alguma obra essa fôsse* **dentro do projecto aprovado,** andam bem e são coerentes? Não. Sobre o ponto de vista administrativo, vale a pena enterrar nas obras a que se está procedendo seis contos, que vão atrazar por bastantes anos a realisação do projecto aprovado? Tambem não. Portanto entendo que na impossibilidade de fazer as obras completas de acordo com o projecto aprovado, bem melhor seria esperar mais algum tempo, e em harmonia com o estabelecido, executa-las, porque se aproveitaria dinheiro e tempo, satisfazendo tambem aos compromissos solénemente tomados.

De V., etc.,

Aveiro, 8—9—1919.

M. Guimarães

Administração do concelho

Foi preenchida pelo amanuense snr. Luiz Antonio da Fonseca e Silva, a vaga existente pela morte do antigo secretario Baptista de Souza, sendo nomeado para o logar daquele o sr. Pompilio Souto Ratola.

Notas mundanas

De passagem para a sua vivenda de Lisboa, esteve no dia 7 em Aveiro e na Costa do Valado, onde permaneceu algumas horas em companhia do nosso director, o excelente amigo desta casa, que é ao mesmo tempo um ilustrado membro da colonia aveirense na capital, sr. Francisco Vieira da Costa.

Fazia-se acompanhar de sua extremosa esposa e regressavam dum longo passeio pelo norte do país e Espanha.

== *Por ter sido colocado como fiscal de 2.ª classe dos impostos no concelho de Castelo de Paiva, transferiu a sua residencia para aquela localidade, o sr. Henrique de Almeida Cardoso, republicano arouquense.*

== *No vapor* Portugal *deve seguir viagem no proximo dia 25 para Angola, o medico veterinario Antonio Lebre, nosso muito presado amigo, a quem foi confiado o encargo de ali dirigir os serviços da sua especialidade.*

Pela envergadura moral que o distingue, em tudo digna da familia a que pertence, desejâmos lhe todas as felicidades e um brêve regresso para junto dos que se honram com a amisade nunca desmentida do brioso militar.

== *Estão na praia do Farol com suas familias, o ministro da marinha, sr. Rocha e Cunha e o representante de Portugal em Espanha, sr. dr. Couceiro da Costa.*

== *Em Espinho acha se a passar a estação calmosa, retemperando se da fadiga a que obrigam os seus trabalhos escolares, o nosso amigo e apreciavel colaborador. Humberto Beça.*

== *Retirou do Gerez para a sua casa de Oliveira de Azemeis, o bemquisto empregado da Companhia de Moçambique, sr. Anibal Rezende.*

== *A bordo dum vapor da carreira de Africa, deve ter chegado já a Lisboa, vindo de Loanda com sua dedicada esposa e filhos, o nosso conterraneo e amigo, sr. Eduardo Osorio, socio da acreditada firma que gira naquela cidade sob a razão social de* Osorio, Carvalho & Freitas.

Cumprimentâmos os recem vindos.

== *Consorciou-se em Esgueira com a menina Ana Rosa da Maia, estremecida filha do sr. Manuel da Maia, muito considerado na freguesia, o activo negociante sr. José dos Reis, tambem de ali natural.*

Os noivos são dotados de primorosas qualidades de espirito e coração, motivo porque lhes augurâmos uma interminavel lua de mel, cercada das mais ridentes venturas.

== *Com sua esposa, foi veranear para a Costa Nova do Prado, o sr. Augusto Duarte dos Reis, ha pouco chegados da Africa.*

PELA IMPRENSA

"Ecos da Bairrada,,

Suspendeu a sua publicação este semanario, defensor da politica democratica de Anadia.

"Independencia de Agueda,,

Só agora reparámos que tambem apagou do cabeçalho a sua filiação no partido democratico, que substituiu pela rubrica—*Semanario republicano*—o jornal da direcção do snr. dr. Manuel Alegre, *Independencia d'Agueda.*

Muito sintomatico, pois não é?

Lugre "Aguia,,

Com este nome devia ter sido lançado á agua, ontem, pelas 16 horas, nos estaleiros da Gafanha, um novo barco da Companhia Aveirense de Navegação e Pesca. Construido no curto praso de 5 mezes, sob a direcção do habil construtor Manuel Maria Monica, o *Aguia* é um verdadeiro modelo de risco e perfeição, podendo-se afirmar que até hoje ainda no país se não construiu um navio tão elegante e em tão pouco tempo.

Felicitando a Direcção da Companhia pela grande iniciativa e desenvolvimento que tem, entre nós, dado á industria da construção naval, fazemos votos para que os seus esforços continuem a obter os melhores resultados.

No mesmo estaleiro vai iniciar-se a construção dum reboque, uma traineira e duas barcaças para a condução de sal.

TRANSFERENCIA

Participa-nos o sr. Adelino de Oliveira e Silva que mudou para Esmoriz a sua oficina de tanoaria, por muitos anos instalada nas proximidades da estação do caminho de ferro desta cidade, esperando continuar ali a receber as ordens dos seus estimaveis fregueses.

As maiores prosperidades lhe desejâmos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco,* ao Rocio.

Calor

Foram verdadeiramente tropicaes os dias de segunda, terça e quarta-feira da semana passada, em que os termometros registaram temperaturas, senão superiores pelo menos eguais ás dos climas tórridos, segundo as notas enviadas á imprensa pelos principaes observatorios do país.

Se chegou a haver quem julgasse estar nas profundas do Inferno!...

Os ultimos dias da semana decorreram um pouco mais frescos por se terem produzido algumas descargas electricas acompanhadas de chuva, infelizmente pouco abundante nos nossos sitios.

ROMARIA

Como era de esperar, esteve assaz concorrida a tradicional romaria da Senhora das Dôres, de Verdemilho, onde houve, no sabado á noite, vistoso fogo de artificio, musica e iluminação dentro da quinta dos nossos amigos Lebres, franqueada aos muitos milhares de pessoas que é de uso aglomerarem-se em volta da capela durante o arraial.

A cidade tambem se animou bastante com a passagem dos romeiros, que, em alegres descantes, a atravessaram, vindos, pelo caminho de ferro, de longes terras.

NECROLOGIA

Num quarto particular do hospital da Universidade, onde estava em tratamento ha cinco mezes, faleceu no dia 9 o general sr. Julio Cezar de Campos, entre nós bastante conhecido por ter feito parte da guarnição militar da cidade.

Era pae do medico Abel de Campos e do major de cavalaria, Julio de Campos, a quem enviâmos sentidos pêsames.

* * *

Durante a viagem que havia encetado no Brazil, tambem deixou de existir o snr. Luiz Samuel de Barros, marido da snr.ª D. Maria Isabel da Cunha Barros, aqui residente.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 11

Simultaneamente com a colheita dos cereaes começaram as vindimas, pelo que durante o dia é enorme a quantidade de carros de bois que conduzem uvas para os respectivos lagares.

A produção de vinho por estes sitios deve ser tambem grande não obstante a falta de chuva, que, se viesse, muito mais faria.

—— Com sua esposa chegou de Lisboa o nosso conterraneo e amigo, snr. José Rodrigues Ferreira, 1.º sargento de engenharia.

Segue a passar algum tempo na Costa Nova.

—— De visita ao director do *Democrata* e sua familia, vimos aqui no domingo o sr. Francisco Vieira da Costa, esposa e prima D. Adelaide Gamelas.

Retiraram no comboio da tarde para Aveiro.

—— Com animação egual á dos anos anteriores, teve logar no sabado e domingo preteritos a festa em honra do orago da Povoa do Valado, que decorreu na melhor ordem, apezar da compacta massa de povo que se juntou a presenceá-la.

—— Seguem por estes dias para o Brazil alguns rapazes da Costa, que resolveram ir empregar a sua actividade em terras de Santa Cruz.

Que a fortuna os não desampare.

C.